

Ao menos 349 mil trocaram de casa por causa das cheias

Pesquisa do IBGE mostrou alta migração após enchentes de 2024 no RS

Geison Concencia

geison.concencia@gruposinos.com.br

As enchentes históricas de 2024 provocaram a migração da população de uma cidade do porte de Canoas no Estado. Segundo dados inéditos do IBGE, 922.233 pessoas mudaram de endereço, sendo que 349.366 saíram diretamente por causa das cheias. Esse êxodo representa 5,5% da população total dos 133 municípios gaúchos pesquisados, de 6.333.727 de habitantes. Além de contabilizar perdas materiais, a pesquisa buscou compreender como a tragédia alterou a vida das famílias, os padrões de moradia, trabalho, educação e qualidade de vida.

Os números revelam que a destruição causada pelas chuvas ultrapassou os danos estruturais às cidades. Ela modificou a distribuição da população em diversas regiões do Estado e obrigou milhares de famílias a reconstruírem suas vidas em novos endereços, muitas vezes longe dos bairros onde viveram durante décadas.

Diferentes classes sociais afetadas

Outro aspecto observado pelo IBGE é que a tragédia atingiu de forma mais intensa a população de menor renda. Entre os moradores que precisaram mudar de endereço, 28,3% viviam em domicílios cuja renda mensal era de até R\$ 2 mil, maior fatia da população analisada. Para os pesquisadores, o dado indica que famílias economicamente mais vulneráveis tiveram maior dificuldade para permanecer em suas moradias ou reconstruí-las após as enchentes.

Quase um terço precisou deixar casa temporariamente por causa das cheias

Os transtornos vividos pelas famílias não se limitaram ao momento em que as águas atingiram as cidades. Em centenas de milhares de residências, o acesso foi completamente interrompido, obrigando

Casos reforçam os dados divulgados pela pesquisa. Ex-morador do bairro Santo Afonso, em Novo Hamburgo, Adão Zelino, de 58 anos, faz parte desse grupo. A enchente motivou a mudança de endereço para o bairro Primavera. Localizada numa área mais alta e longe de rios, ele apostou na nova casa para evitar os dias de sofrimento. “Pode demorar, mas vai encher tudo novamente (no Santo Afonso)”, disse Zelino.

Embora tenha alterado seu endereço, ele mantém uma placa de venda em sua antiga casa, na Rua Palmeiras, no bairro Santo Afonso. Objetivo é se desfazer do imóvel que conquistou ao longo dos anos. Zelino foi um dos moradores que conseguiu migrar.

Quer sair

Porém, há aqueles que permanecem na fila, em busca de um novo lar. É o caso da ex-vizinha de Zelino, Amélia de Almeida dos Santos, de 57 anos. “Quero muito uma chacinha para mim. Sair desse local que pode sofrer com novas enchentes”, relata.

No entanto, a pesquisa demonstra que a destruição não ficou restrita às áreas tradicionalmente mais pobres. Embora a incidência tenha sido maior entre famílias de baixa renda, imóveis de todas as classes sociais sofreram impactos. Mesmo entre domicílios com renda superior a R\$ 10 mil mensais foram registrados danos estruturais, evidenciando que a dimensão do desastre ultrapassou diferenças econômicas.

moradores a abandonar temporariamente suas casas.

A pesquisa identificou que 726.358 domicílios tiveram pelo menos um morador que precisou passar uma noite ou mais



Casas continuam à venda em área afetada pelas enchentes

Ligação com a tragédia

Segundo o levantamento, 14,6% dos moradores dos 133 municípios pesquisados mudaram de residência após o desastre climático. Embora nem todas essas mudanças tenham sido motivadas exclusivamente pelas enchentes, a pesquisa mostra que quase quatro em cada dez pessoas que trocaram de endereço o fizeram em razão direta da tragédia.

Os dados também evidenciam que a mudança de moradia

esteve fortemente associada aos danos estruturais provocados pelas águas. Entre todos aqueles que mudaram de endereço após o desastre, 71,6% viviam em imóveis que sofreram avarias. Quando considerada apenas a parcela cuja mudança ocorreu por causa das enchentes, esse percentual sobe para 90,6%, demonstrando que a destruição das residências foi o principal fator para o deslocamento das famílias.

Mais de 2 milhões de imóveis

Ao todo, o IBGE estima que 2,33 milhões de domicílios estavam localizados na área abrangida pela pesquisa. Destes, 53,2% apresentaram algum grau de dano estrutural provocado pelas enchentes. Em números absolutos, 81.272 casas foram classificadas como destruídas, enquanto 190.253 foram consideradas muito danificadas. Somadas, essas duas categorias representam 11,7% de todas as residências

fora de casa devido às enchentes, situação que corresponde a 31,2% das moradias pesquisadas.

Em muitos casos, o retorno sequer foi possível nos primeiros dias após a tragédia.

analisadas.

Mesmo onde as estruturas permaneceram em pé, os impactos foram expressivos. O levantamento mostra que 88% dos domicílios sofreram ao menos uma consequência relacionada às enchentes, fosse ela estrutural ou não. Já 68,7% registraram problemas nos bairros ou nas ruas próximas, como vias destruídas, acúmulo de lixo, interrupção do transporte coletivo e danos em pontes e rodovias.

Casas inundadas, risco de desabamento, isolamento por alagamentos e destruição das vias de acesso impediram milhares de famílias de voltar rapidamente para seus imóveis.

“Foi uma perda irreparável”

“Depois da enchente, eu passei por mais lugares do que a minha vida toda”, pontua a ex-moradora do bairro Cinco Colônias, em Canoas, Ivone Maria Caspary Muzyknt, 59 anos.

Por 35 anos, a casa na Rua das Araucárias foi o lar da professora aposentada. Tudo mudou em maio de 2024, quando a maior tragédia climática do Estado atingiu aproximadamente 80 mil residências em Canoas.

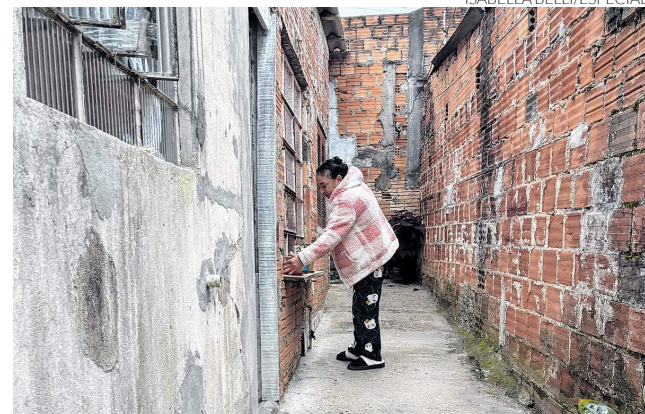
Para Ivone, a enchente foi uma ruptura afetiva e emocional profunda. O impacto transcendeu a perda material.

“Foi uma irreparável, que não tem nada a ver com o financeiro. A minha casa e o bairro eram parte da minha identidade. Mas, Deus me deu a oportunidade de recomeçar, melhor ainda num outro lugar”, enfatiza.

Traumatizada, Ivone conta que evita ir até o antigo bairro. Atualmente, ela aluga uma casa no bairro São José. “Pretendo nunca mais morar no lado oeste [região atingida]. Minha antiga casa está à venda.

“Eu estou aqui, mas não é o meu lugar”

A enchente levou a dona de casa Lorena Schul, 59 anos, do lugar onde morava desde 2010, na Rua das Camélias, no bairro Pinheiro, em São Leopoldo, para uma moradia praticamente abandonada no bairro Diehl, em Sapucaia do Sul. “Minha casa foi considerada irreparável.” O imóvel para onde a dona de casa se mudou pertence à irmã, mas estava fechado e precisou de algumas reformas que foram feitas com os R\$ 5,1 mil do Auxílio Reconstrução criado na época pelo governo federal. “Tive que levantar algumas paredes para dividir os cômodos e também trocar o telhado”, relata ela, que também mobiliou o novo espaço com doações. Apesar de agora a vida estar aparentemente acomodada, dona Lorena sente falta da antiga morada. “Eu estou aqui, mas não é o meu lugar, não é a minha casa.” (Isabella Belli)



Lorena deixou São Leopoldo e se mudou para Sapucaia

Reconheço que tenho uma condição privilegiada em comparação às famílias que permanecem por razões financeiras, mesmo sem ter vontade de continuar ali.”

Com a desvalorização das áreas afetadas pela enchente, Ivone relata dificuldade em vender a residência reformada. “Metade dos meus vizinhos já se mudou.

A maioria que ficou foi por falta de opção. A sensação de insegurança ainda está presente. É uma região muito machucada. Com as recentes notícias sobre o El Niño, a situação só

piorou.”

Para lidar com o medo, Ivone precisou fazer sessões de terapia. Ela destaca que, apesar dos incômodos, está feliz com a tranquilidade da casa atual.

“Estou avaliando como vou fazer. Não quero ficar morando de aluguel por tanto tempo. Cogito até mudar de cidade, mas ainda nada definido. Uma casa seria o ideal porque tenho meus bichinhos [uma gata e um cachorro].” (Taís Forgearini)



Ivone: recomeço